

OUTUBRO

Mãe Zelosa

Uma das corujas mais comuns em qualquer região de campos — naturais ou abertos pelo homem — a suindara (*Tyto alba*) agora trabalha ativamente para sustentar seus filhotes. A espécie chega a reproduzir duas vezes por ano, uma na primavera e outra no verão. Faz ninhos bem abrigados em fendas de rochas (foto), nas cavernas, em ocos de árvores grandes ou nos inúmeros esconderijos das casas, igrejas e outras construções humanas. Por viver perto homem e emitir sons quase humanos — seja o grito forte de alerta ou o ronco de acasalamento — muitas vezes é confundida com seres sobrenaturais e, por isso, um de seus nomes populares é ‘rasgarmortalha’.

Filhotes esfomeados

A dieta básica dos filhotes de suindara (*Tyto alba*) é constituída de pequenos roedores. Os jovens e adultos comem também gambás, morcegos, anfíbios, aves, insetos e besouros. As presas são engolidas com pêlos, asas, ossos e tudo. Aproveitados os nutrientes, as corujas então regurgitam uma pelota com os restos não digeridos. E esse é o principal meio de estudo da alimentação dessas aves noturnas: os estudiosos coletam as pelotas e identificam os fragmentos, listando os animais consumidos. Existem até registros de pelotas fossilizadas, conservadas em cavernas das Antilhas. Com seu conteúdo foi possível conhecer algumas espécies já extintas, que entraram no cardápio das ancestrais das atuais suindaras, há milhões de anos.





E. brasiliensis



E. calycina

As 'primas' da pitanga

Nos cerrados e matas de galeria da região Sudeste, a primavera, no auge, traz os frutos de duas espécies muito parecidas entre si, ambas do gênero *Eugenia*: a grumixama (*E. brasiliensis*) e a pitanga-do-cerrado (*E. calycina*). Com sabor semelhante à cereja-das-Antilhas, um pouco mais 'aguado' talvez, elas não chegam aos mercados, nem na forma de polpa, pois têm vida muito breve depois de colhidas. Mas servem de alimento para várias aves, pequenos mamíferos e insetos. A grumixama é mais escura e redonda, chega a ficar quase preta quando madura. A pitanga-do-cerrado, alongada, varia entre o branco, amarelo, vermelho e vinho, à medida que amadurece. Embora sejam 'parentes' próximas da pitanga (*Eugenia uniflora*), nenhuma das duas tem os gomos característicos ou o sabor especial desta. Só 'copiam' mesmo a escassa polpa para um caroço relativamente grande. E suas folhas novinhas também são usadas para fazer xaropes, exatamente como as da 'prima' mais plantada nos quintais do interior brasileiro.

Gororoba em flor

Entre as árvores do gênero *Aspidosperma*, a espécie mais conhecida e de maior importância econômica é a *A. parvifolium*, a duríssima peroba-vermelha, de que são feitos muitos telhados, barcos e móveis em todo o País. Nessa época do ano, florescem e frutificam os exemplares que ainda sobraram em pé, nos remanescentes de Mata Atlântica. Em outubro também convivem nos ramos as flores e os frutos de uma espécie menos famosa, do mesmo gênero, cujo 'apelido' talvez seja mais conhecido do que a própria planta: a gororoba. Chamada também de pau-falho, canela-de-velho ou pau-pereira, essa outra espécie tem o tronco todo cheio de reentrâncias e fendas, que não raro levam a um interior oco. Apesar de desprezada pelo setor madeireiro, a gororoba serve bem aos agricultores, que de sua madeira fazem cabos de ferramentas.

Black Bass no ataque!

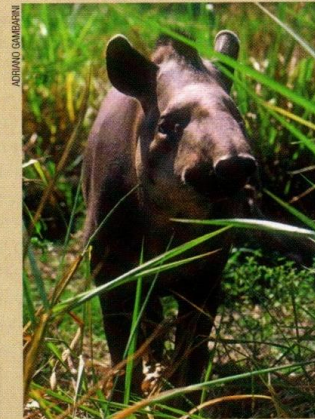
Outubro marca o melhor período para pescar o *black bass* na superfície nas represas do Sul e Sudeste. Como é época de reprodução, é preciso um cuidado especial na hora de soltar o peixe. Também desovam agora, os tucunarés azuis e amarelos das represas do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que, por isso, ficam mais agressivos. O período ainda é bom para um dos peixes mais esportivos do mar, o badejo, que se esconde em tocas, em costões rochosos e em recifes de corais.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI

Ampla circulação

Com as chuvas mais abundantes em quase todo o território brasileiro, as antas (*Tapirus terrestris*) agora encontram um ambiente mais favorável para esticar suas caminhadas. É que elas preferem trilhas úmidas e próximas de aguadas, áreas pantanosas ou lagoas, para onde costumam fugir quando ameaçadas. Uma anta adulta mede cerca de dois metros e pesa até 250kg. O tempo de gestação é de 13 meses e 15 dias e, logo após o nascimento do filhote — sempre único — a fêmea pode acasalar novamente. Por isso, pode-se en-

contrar uma anta com filhote em qualquer época do ano. A antinha nasce cheia de listras brancas, que a ajudam a se 'esconder' no claro-escuro das matas de galeria e dos cerradões, percorridos em companhia da mãe. Como veados e porcos selvagens, elas dependem dos 'barreiros' ou 'saleiros' para complementar sua alimentação. São áreas úmidas, naturalmente salinizadas, onde os animais lambem o barro para obter o sal necessário à sua dieta. Infelizmente, tal necessidade expõe a espécie à ação dos caçadores, da mesma forma que o hábito de responder a assobios de chamado.



ALVARO GOMES/REDA